

PIBID E O ENSINO DE HISTÓRIA: METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E PRÁTICAS NO ENSINO DO SERTÃO ALAGOANO

Autor: Maele Moreira Sandes Cavalcanti (1); Maria Isadora da Silva Melo (2);

(Universidade Federal de Alagoas – Graduandas em História - UFAL – maelemoreira@yahoo.com.br, meloisadora12@gmail.com)

RESUMO: O presente trabalho se constituiu a partir do olhar das perspectivas culturais enquanto patrimônio histórico, e para se pensar teoria e metodologia na busca por compreender os desfechos que abarcam o pertencimento identitário e o conhecimento sistematizado com a orientação pibidiana em sala de aula, graças a pesquisa-ação. Haja vista que a escolha em trabalhar os conceitos de identidade e pertencimento culturais foram os norteadores dos objetivos dos trabalhos desenvolvidos, a problematização do que seria informação e conhecimento foram determinantes para se pensar a execução das etapas da realização do projeto. Assim, a criticidade a partir da literatura consonante à crítica midiática objetivaram as importâncias do *ser* sertanejo no cordel alagoano e na literatura brasileira, trazendo à tona a problemática dos estereótipos oriundos do etnocentrismo presentes na mídia; e, na obra *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, a ressignificação do ser nordestino enquanto *bicho* e *homem* na ficção nas décadas de 1930 e 60.

Palavras Chaves: IDENTIDADE; CULTURA; RESIGNIFICAÇÃO, HISTÓRIA, ENSINO

INTRODUÇÃO

Trazendo como embasamento que a exploração da leitura promove e estimula a consciência crítica, é preciso provocar para orientações em sala de aula, a fim de alcançar a qualidade dessa leitura, e, a conversação midiática não difere, ou seja, adentra ao campo do pertencimento dos métodos e teorias que estão atentos às perspectivas atuais da sociedade pós-moderna, sendo capaz de induzir aos meios da prática intervencionista da literatura no ensino, tendo em vista objetivos específicos, tal como a reformulação dos conceitos de pertencimento no desenrolar da crítica cultural através dos aspectos históricos.

Assim, a literatura em comunicação com a mídia em conversações diversas, parte da problemática da imprensa dialogando com o papel da crítica midiática na materialidade textual; da representação do fato presente na explanação de obras de gênero e de categorizações diversas à análise de resultados midiáticos sob as banalidades e mistificações hodiernas, por exemplo, na tradição popular.

Os papéis que são de uma conversação com a história para ampliação e diversificação do ensino de história através dessa interdisciplinaridade e a pesquisa-ação serão trazidas com o pibidiano e o aluno, para que um melhor aproveitamento de trocas de conhecimentos seja prévio ou obtidos com a pesquisa ação em sala de aula. Não apenas nesta, mas como as metodologias proporcionaram a todo o processo com diferentes etapas para a construção do saber histórico seja ele regional e, que ampliem a visão singular de cada aluno para ideias de identidade cultural/social que se destacam singular ou pluralmente, seja na desconstrução estereotípica do homem enquanto sujeito pertencente a uma determinada região à discussão dos sujeitos pertencentes a cada uma dessas fases das interações pibidianas na Escola.

PENSANDO OS AGENTES DO ENSINO-APRENDIZAGEM ENQUANTO SUJEITOS HISTÓRICOS.

Entender como se dá o processo do fazer reflexivo histórico não se limita apenas em dominar e empreender conceitos, métodos e teorias capazes de prover a ciência que tem por princípio de seu objeto de estudo a natureza da temporalidade. Segundo Karnal(2015), estudar o tempo como um pré-requisito da ciência histórica é, mais do que teoricamente, pensar a ação de sujeitos que interferem nesse tempo. Passado, presente e futuro. A experiência histórica se constitui assim de eventos que são a penetração dos indivíduos no tempo com suas ações e reações, e, cujos resultados já não implicam apenas em outras ações, mas, na reflexão sobre aqueles eventos no tempo. E assim, por exemplo, a escrita da História também se torna uma ação na experiência histórica.

“Existe o passado. Porém, quem recorta, escolhe, dimensiona e narra este passado é um homem do presente. Assim, uma vez produzido, todo texto histórico torna-se ele mesmo objeto de História, pois passa a representar a visão de um indivíduo sobre o passado.” (KARNAL, 2015. p.7)

Tendo como ponto de partida a reflexão acerca da escrita histórica, impossível não haver a necessidade de pensar os sujeitos que estão escrevendo essa tal história e os que estão sendo observados/estudados nessa mesma história, conseqüentemente, o que pensavam e porque pensavam, trazendo à tona não apenas a visão, mas a memória que tem tais sujeitos sobre os acontecimentos. A memória como um fator primordial nesse processo não se remete apenas como fonte para haver a reflexão, mas como discurso para a reflexão, pois se remete a uma

representação do passado. Sujeitos de um mesmo evento, um enquanto agente do presente, e, outro enquanto agente reflexivo do passado, ambos amparados no tempo terão como ponto de encontro a escrita.

Os agentes da escrita, como se vê, perpassam o tempo e suas experiências segundo as influências que os agentes dos eventos lhes condicionam a partir das memórias, estas acompanhadas de outras fontes e documentos, fornecendo um aparato historiográfico que contempla não só os novos paradigmas remetentes à ciência História, mas também proporciona pensa-los no tempo. Portanto, escrever História é também uma experiência histórica. E, pensando tal abordagem em sala de aula é indispensável compreender como se deu a História enquanto disciplina, no tempo, e, qual o seu objetivo ao ser inserida no fenômeno do ensino-aprendizagem por meio dos currículos.

RUIZ (2015), em “Novas formas de abordar o ensino de História”, incita à reflexão a importância de entender como se instaurou, na história, os modelos e paradigmas que predominaram o fazer historiográfico, mas, para além de um ofício, como se deu a inserção da disciplina História nas salas de aula, reconhecendo o papel social dos agentes da instituição, Escola. Então,

O processo de conhecimento é a grande aventura e o grande desafio que o educador enfrenta quando prepara as suas aulas e quando as desenvolve com os seus alunos. É dentro dessa perspectiva que serão feitas as considerações aqui apresentadas, partindo de uma pergunta simples de ser feita e difícil de ser respondida: qual é o modelo que devemos procurar como historiadores e como professores de História? (Idem, 2015. p.75)

Inserindo assim a discussão em torno da História disciplina que tem por objetivo ser desenvolvida nas Escolas e cuja realidade permeia às salas de aula. Como trazer ao aluno, que já é por existência um sujeito histórico, uma consciência histórica enquanto tal? Para RUIZ, faz-se necessário conhecer os passos que a História tem passado até se tornar objeto de reflexão, um devir em potência.

Por exemplo, entenderíamos o historiador grego Tucídides por quais parâmetros? Por seus escritos, que foram traduzidos ao longo da História? Pela sua experiência de reflexão histórica, ou seja, o que lhe influenciou? Pelo impacto de sua história no processo da experiência histórica dos demais sujeitos ao longo do tempo? E, por que é importante trazer à tona uma história tão

antiga? Por que é conhecida como clássica? Perguntas como estas são pauta das reflexões que permeiam os ideais da história a ser ensinada.

A ação de planejar e executar uma aula de História é tão complexa quanto idealizar a perpetuação do conhecimento. Recordando a abordagem *Magistra Vitae* que a História desempenhou durante séculos – Antiguidade Clássica, o milênio medieval, por que não a ideia de uma longa idade média por Le Goff? – e na medida em que fora sendo repensada, tendo alcançado uma outra postura pelo profissional de seu ofício. Segundo RUIZ, com a Revolução Francesa e a Ilustração a História passou de “mestra da vida” prezando por ser aquela capaz de ser exemplo dos grandes homens e grandes feitos para um plano mais abstrato, sensível a compreensão tal como um processo também teleológico, com objetivos e experiência histórica almejando o futuro.

Com os parâmetros que mudaram o olhar da História depois das Guerras do século XX e o quanto isso impactou o “mundo”, mais que um novo modelo para o historiador fora estabelecido. Novos objetos foram sendo repensados e incluídos no seu ofício. E, entender o impacto disso na disciplina História é um tanto problematizante. Portanto, novos modelos, novos paradigmas, novos objetos, novos desafios. Como ensinar História sem esquecer a sua própria experiência histórica, sem esquecer o quanto *Clio* fora despedaçada, levando em conta suas roupagens ao longo do tempo?

Uma História do passado, do futuro ou do presente? Porque, sobretudo, fazer uma História crítica é tão complexa como por quais parâmetros ensina-la. “Trata-se, portanto, de ensinar aos alunos não a contemplar o ‘edifício da História’ como algo já pronto, mas de ensinar-lhes a edificar o próprio edifício.” (Idem, 2015. p. 77) E aí a História enquanto experiência humana precisa desenvolver métodos para que enquanto disciplina se torne conhecimento em sala de aula e não apenas mais informações avulsas.

O debate entre informação e conhecimento está para além de metodologias a serem aplicadas, e sim, quais os objetivos destas no processo do ensino-aprendizagem. E em meio a uma sociedade, hoje, que preza mais as notícias instantâneas que uma leitura que exige horas a fio a ser “mastigada”, pensada e repensada, trazer eventos e sujeitos no tempo para serem analisados e debatidos pode ser tão empolgante quanto desinteressante. Destarte, inúmeras fontes surgiram para auxiliar o professor de História e o historiador a pensarem seus ofícios a serem inseridos nessa contemporaneidade, pressentido que mais uma experiência histórica será vivenciada.

Mas como toda mudança provoca rupturas ou transições e junto ao pacote a metamorfose de identidade, faz-se necessário não se desapegar da criticidade aguçada pela história-problema.

[...] diante da difusão das novas tecnologias globais, questiona-se e até duvida-se da eficácia educacional dos livros (considerados, com frequência, um meio de comunicação desinteressante e obsoleto), da utilidade dos professores como agentes de ensino (tidos como comunicadores inábeis e incompetentes) e das propostas curriculares ligadas às realidades nacional e local (vistas como inadequadas e ultrapassadas). (PINSKY e PINSKY. 2015. p. 17)

Pensando a literatura como um dos alvos dessa nova realidade que por sua estrutura é criticada quando na sua essência também é crítica, e, tendo-a como fonte histórica, outras temáticas vão sendo inseridas e inevitavelmente mais desafios vão sendo vivenciados pela ciência História. História e Literatura. Segundo RUIZ ao citar Hartog, uma abordagem comparativa seria uma ótima aliada no ensino de História quando o objetivo é gerar nos alunos a consciência de agentes históricos, pois estes estarão encontrando sentindo nos discursos que a disciplina lhes aponta, e ainda pode-se pensar os extremos entre as duas abordagens – ficção e veracidade no fundamento da narrativa de ambas.

Metodologia

A reunião com a supervisora do pibid de História, Eliane Beserra, para a definição do projeto intitulado “*Um tour por Alagoas*” ocorreu em 22 de agosto com os pibidianos da Escola Estadual Delmiro Gouveia, no município de Delmiro Gouveia, Alagoas. A escolha da turma por nós desenvolvida, se baseou no fato desta ter contato com a disciplina de literatura - a turma do 2º ano vespertino -, e, para um melhor uso de fontes literárias e crítica midiática no ensino de história.

O estudo do patrimônio cultural que foi adotado no projeto final das intervenções trabalhou com os conceitos de identidade como patrimônio, dentre os meses de setembro e dezembro de 2017.

Etapa com exposição e coleta de dados sobre os saberes prévios dos alunos envolvidos sobre a temática; na etapa seguinte, a prioridade esteve na pesquisa prática onde os alunos foram diversos nas pesquisas obtidas. Diz Demo (2009, p.100) “Prática é a condição de historicidade. Teoria é a maneira de ver e não de ser [...] uma teoria desligada da prática não chega a ser teoria, pois não diz a respeito à realidade histórica”.

Então os teores trabalhados constituíram divisões em cinco grupos. A investigação biográfica; concepção do cordel; cordelista na mídia (televisão); forma estrutural do cordel; arte e fruto da xilogravura. Em Lakatos (2011, p. 76): “A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”.

Mas à observação existe uma ampla gama de métodos no qual se atinge ou não o objeto, a observação não é isolada e cada tipo de observação exige normas técnicas de trabalhar e em contrapartida com outros meios desta maneira para implementação da pesquisa cabe notar também a forma de Laville e Dionne (1999, p. 176):

“A observação participa também de uma ampla variedade de descobertas e de aprendizagens realizadas pelos homens[...]mas para ser qualificada de científica, a observação deve respeitar certos critérios, satisfazer certas exigências: não deve ser uma busca ocasional, mas se posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente explicitado[...]nos planos de confiabilidade e de validade.”

Desta maneira a pesquisa não pode ser olhada como alheia e passiva pelo contrário ela indica o nível e organiza as outras formas para despertar a pesquisa-ação em sala. Ela pode ser utilizada junto com outras técnicas a exemplo de um debate como foi levado, com atenção a tudo que está sendo exposto e trocado nos saberes, ela precisa de fundamentação teórica, pois sem isso de nada serve, pois não há um objetivo claro que deve ser veiculado.

Sendo possível com a exposição de conteúdos e os conhecimentos prévios, a crítica literária conversou com o apontamento midiático ajustando as escolhas dos conteúdos para trazer o Cordel como um todo. Alguns temas conversavam-se entre si, exemplo: bibliografia e as obras, pois isto fora determinado “os cordelistas”. O segundo projeto coube trabalhar patrimônio em duas intervenções acerca da leitura prévia de “*Vidas secas*”¹ e, a sala de aula fora adaptada em um “cinema” e trechos do filme “*Vidas Secas*”² foram exibidos trazendo assim uma discussão sobre a adaptação e diferença das duas fontes utilizando também a síntese da obra para debate. Para trabalharmos o conceito de *identidade, ideia de nordeste e invenção*

¹ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. MOR: Ed. 2009. (Versão eletrônica)

² **VIDAS SECAS**, Direção: Nelson Pereira dos Santos, 103 minutos – Produção: Herbet Richards, Luis Carlos Barreto e Danilo Trelles. 1963

na cultura utilizamos Hall³; Durval Muniz em “A Invenção do Nordeste”; e Wagner em “A invenção da Cultura”, respectivamente. Assim problematizando os estereótipos e as visões muitas vezes não correspondentes ao todo, foram destacados os pontos que os alunos acharam interessantes nas duas fontes.

O diálogo entre a literatura e a mídia objetivaram a ação da ressignificação e desconstrução dos estereótipos do imaginário de uma região específica – o Nordeste -, inicialmente pensando Alagoas e depois em sua totalidade geográfica correspondente.

Resultados e discussão

No dia 22 de setembro ocorreu o fechamento da semana do “Tour por Alagoas” onde os estudantes tiveram contato com a “identidade sertaneja” e a produção cultural presentes na história alagoana, além dos nomes destacados eles apreciaram outras variantes desse meio histórico, os reforços dos mais simples e talentosos cordelistas em rimas sobre os acontecimentos reais, sociais, políticos, econômicos e folclóricos de Alagoas. Além da citação de Bráulio Bessa e sua imagem na mídia televisiva e pública, não sendo alagoano, mas trazendo uma amplitude para pesquisa dos alunos além das exposições de animações e a arte adaptada da xilogravura, agregando à pesquisa escrita. Pollak (1992, p. 201) remete que “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorre um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”.

Dessa forma a interação com outras turmas nas apresentações de cada grupo gerou conhecimentos e ressignificações sobre a identidade regional no contexto alagoano em relação a uma produção cultural, e, a representatividade que se criou, não alcançou apenas uma sala de aula, mas toda uma interação escolar, seja aos demais estudantes e o corpo escolar da escola.

No dia primeiro de dezembro, a figura do sertanejo foi debatida e refletida, baseada na Teórico/Prática passada com antecedência de duas intervenções anteriores, uma em outubro e outra em novembro. Portanto, o objetivo foi à reflexão e o diálogo entre as perspectivas tradicionais pela literatura e inovação do uso do cinema na sala de aula, em Bittencourt (2008, p. 377) traz que os filmes são: “os filmes podem ser considerados como textos e, nessa condição,

³HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

podem sofrer recortes e ser apresentados não integralmente aos alunos, mas apenas as partes que mais interessam ao tema tratado”, pontuando sempre o destaque nas fontes a identidade sertaneja, e como as construções imagéticas vão se perpetuando. Por isso a ideia que Hall (2006, p. 38) discute que num dado momento a identidade é “algo formado ao longo do tempo através dos processos inconscientes e não inatos, existentes na consciência no momento do nascimento” somando ou o individualizando no imagético.

A identidade foi problematizada e discutida através das relações culturais e como o homem se envolve com as práticas de pertencimento, seja pelos atos simbólicos naturais ou materiais, como a sobreposição do fator externo sobre o outro. Desta maneira, Wagner (2012, p. 98) trata acerca invenção cultural:

“A invenção muda as coisas, e a convenção decompõe essas mudanças num mundo reconhecível. Mas nem as distinções da convenção nem as operações da invenção podem ser identificadas com algum ‘mecanismo’ fixo no interior da mente humana. Tudo o que temos é um conjunto de ordenamentos e articulações – relativamente mais ou menos convencionalizados para cada ator[...] As invenções nas quais ele se realiza só se tornam possíveis mediante o fenômeno de controle. ”

Desta maneira o simbolismo e as ações humanas externas explicitam como as relações de poder do homem é colocada através da cultura e de como ela delimita superioridade e condição de organização intelectual e identitária transformada e inventada neste meio. O contexto então discutido e levado para sala de aula, na medida que relata os mecanismos “inventados” e “mistificados”, muitas vezes por esse fator de controle, debatendo então como o sujeito externo promove a condição do outro, sendo alheio a condição real e individual de cada um, essa universalidade do sujeito e o enfoque regionalista como um todo.

Os alunos fizeram comentários e confrontaram as fontes e a síntese da obra, a discussão foi bastante produtiva, levando em conta a crítica e as ressignificações e até mesmo as ideias do Nordeste sem diferenças físicas, espaciais e culturais. A ideia de identidade regional e o nordeste trazidos nos clássicos, os acontecimentos decorrentes com o marco temporal para esta relativização do tempo presente também foi importante para as implicações e apreensões das construções dessas leituras no que tange às modificações estereotipadas. Resultando na participação de uma parcela significativa dos alunos e o estímulo dos demais à reflexão da temática.



Figura 1 - Considerações finais da professora de História, Eliane Beserra, acerca das apresentações e o encerramento do projeto (fonte: Acervo Pessoal).

Conclusões

A prática da pesquisa-ação e as variadas formas de trabalhar história na sala de aula, seja com os métodos escritos e não escritos, trouxeram os resultados positivos e inovadores para um ambiente que muitas vezes não se é apreendida a atenção do aluno, se fez necessário a inovação e a construção de novas formas de saber, as ressignificações e a ideia de identidade foram discutidas a todo momento, seja como uma forma de pertencimento singular e como ideia de coletividade.

Nas temáticas iniciais abordadas sobre regionalismo alagoano e as diversas formas de trazer a cultura, a sociedade, as artes e todas as outras análises desse “Tour”, finalizando com um discurso do valor patrimonial, a ideia da materialidade e dos edifícios fora problematizada, e a compreensão do imaterial cujo traço do sujeito e a figura do Nordeste foram também debatidos. Por isso as intervenções realizadas serviram para uma troca de percepções e saberes entre pibidianos e futuros professores e alunos para uma formação e criação de políticas mais próximas da construção do saber histórico e da interdisciplinaridade na formação do sujeito crítico dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fátima M. L. e JUNIOR, Antônio G. M. (org.). Literatura e ensino de História. In: **Ensino e Linguagens da História**. Fortaleza: Ed. UECE. 2015

ALBUQUERQUE JR., Durval. Muniz de. *A invenção do Nordeste* e outras artes / Durval Muniz de Albuquerque Júnior; prefácio Margareth Rago. -5.ed. - São Paulo: Cortez; 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Imagens no ensino de História: Cinema e audiovisuais & O cinema no ensino e na produção historiográfica. Documentos não escritos na sala de aula. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo. Cortez. 2008.

CRUZ, D.A.C.S. Educação, mídia e literatura de cordel: propostas para uma nova perspectiva na contemporaneidade. In: **História oral, educação e mídias**. X Encontro Regional Nordeste de História Oral. 10 a 13 de outubro de 2015. Salvador-BA.

DEMO, Pedro, 1941 – “ 5.1.5 Teoria e Prática” - Metodologia científica em ciências sociais/ Pedro Demo. – 3. Ed. rev. e ampl. – 13. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009

FLORÊNCIO, S. R. R. e PINHEIRO, A.R.S. Introdução & Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: **Cadernos do Patrimônio Cultural. Educação Patrimonial**. Vol. 01. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KARNAL, Leandro. Introdução. In: **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. Leandro Karnal (org.) 6. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean . **A CONSTRUÇÃO DO SABER: manual de metodologia e pesquisa em ciências humanas** / Christian Laville e Jean Dionne; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. –Porto Alegre:Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MALTÊS, C.R. et al. Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 – Semestral.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, J. ; PINSKY, C. B. O que e como ensinar. In: **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. Leandro Karnal (org.) 6. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. MOR: Ed. 2009. (Versão eletrônica)

RUIZ, Rafael. Literatura. In: **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. Leandro Karnal (org.) 6. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

VIEGASA, A.C.C. **Alguns desafios do ensino de literatura na educação básica**. Gragoatá, Niterói, n.37, p.255-267, 2.sem. 2014

WAGNER, Roy. “ O poder da invenção” In: **A invenção da cultura**. COSAC & Naify, 2012

Filme: “ **VIDAS SECAS**”, Direção: Nelson Pereira dos Santos, 103 minutos – Produção: Herbet Richards, Luis Carlos Barreto e Danilo Trelles. 1963